



**Este pobre clama,  
e o Senhor o escuta**

**2018**

pcpne.va

## *Apresentação*

### *Este pobre clama e o Senhor o escuta*

«Este pobre clama e o Senhor o escuta». Essas são as palavras do Salmo 34 que servem de moldura para o II *Dia Mundial dos Pobres* e em torno das quais se situa a mensagem que o Papa Francisco quis oferecer à Igreja e que pode ser resumida em três termos: *clamar, responder e libertar*.

Trata-se de três verbos que identificam o agir de Deus e revelam o Seu amor misericordioso em relação à humanidade. A pobreza não fica restrita a mera palavra, mas “torna-se um *clamor* que atravessa os céus e chega a Deus” (n. 2). O Senhor, por sua vez, não só escuta tal pedido desesperado por socorro, como também *responde*, participando da condição do pobre para “repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade” (n. 3). A esperança do pobre não se transforma em desilusão e Deus intervém em seu favor para lhe devolver a dignidade perdida e *libertá-lo* das “amarras da pobreza”.

Esses verbos dizem respeito também a nós e devem fazer-nos disponíveis aos pobres que, também no nosso tempo, *clamam* a cada dia. Tomando por imagem o cego Bartimeu (cf. *Mc* 10, 46-52), Papa Francisco evidencia como são tantos os pobres que podem ser identificados neste pobre à beira do caminho, ao qual muitos queriam calar. Ainda hoje, de fato, “as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer” (n. 5). O clamor do pobre, assim, com frequência não chega aos nossos ouvidos e a tocar o nosso coração, o que nos deixa indiferentes e incapazes de *responder*. Com efeito, os pobres, na maioria das vezes, são considerados “como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe”. (n. 5). E, no entanto, a salvação de Deus deveria assumir a forma da nossa mão dirigida ao pobre para fazê-lo sentir a amizade de que necessita e fazê-lo experimentar a proximidade que o *liberta*: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres” (*Evangelii gaudium*, 187).

O presente subsídio quer ser um simples auxílio oferecido às dioceses, às paróquias e a todas as diversas realidades eclesiais para se prepararem a viver o II *Dia Mundial dos Pobres*, a fim de propiciar, mais uma vez, um momento forte no qual dirigir, ainda com mais atenção, o olhar aos pobres, escutando o seu clamor e não deixando que a eles faltem a nossa colaboração e a nossa proximidade.

✠ Rino Fisichella

*Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização*

**MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO  
PARA O II DIA MUNDIAL DOS POBRES**

**XXXIII Domingo do Tempo Comum  
18 de novembro de 2018**

***Este pobre clama e o Senhor o escuta***

1. «Este pobre clama e o Senhor o escuta» (*Sal* 34, 7). Façamos também nossas estas palavras do Salmista, quando nos vemos confrontados com as mais variadas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs, que nos habituamos a designar com o termo genérico de «pobres». O autor de tais palavras não é alheio a esta condição; antes pelo contrário, experimenta diretamente a pobreza e, todavia, transforma-a num cântico de louvor e agradecimento ao Senhor. Hoje, este Salmo permite-nos também a nós, rodeados por tantas formas de pobreza, compreender quem são os verdadeiros pobres para os quais somos chamados a dirigir o olhar a fim de escutar o seu clamor e reconhecer as suas necessidades.

Nele se diz, antes de mais nada, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e é bom para quantos, de coração dilacerado pela tristeza, a solidão e a exclusão, n'Ele procuram refúgio. Escuta todos os que são espezinhados na sua dignidade e, apesar disso, têm a força de levantar o olhar para o Alto a fim de receber luz e conforto. Escuta os que se veem perseguidos em nome duma falsa justiça, oprimidos por políticas indignas deste nome e intimidados pela violência; e contudo sabem que têm em Deus o seu Salvador. O primeiro elemento que sobressai nesta oração é o sentimento de abandono e confiança num Pai que escuta e acolhe. Sintonzados com estas palavras, podemos compreender mais profundamente aquilo que Jesus proclamou com a bem-aventurança «felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (*Mt* 5, 3).

Entretanto devido ao caráter único desta experiência, sob muitos aspetos imerecida e impossível de se expressar plenamente, sente-se o desejo de a comunicar a outros, a começar pelos que são – como o Salmista – pobres, rejeitados e marginalizados. De facto, ninguém se pode sentir excluído do amor do Pai, sobretudo num mundo onde frequentemente se eleva a riqueza ao nível de primeiro objetivo e faz com que as pessoas se fechem em si mesmas.

2. O Salmo caracteriza a atitude do pobre e a sua relação com Deus, por meio de três verbos. O primeiro: “*clamar*”. A condição de pobreza não se esgota numa palavra, mas torna-se um brado que atravessa os céus e chega a Deus. Que exprime o brado dos pobres senão o seu sofrimento e solidão, a sua desilusão e esperança? Podemos interrogar-nos: como é possível que este brado, que sobe à presença de Deus, não consiga chegar aos nossos ouvidos e nos deixe indiferentes e impassíveis? Num *Dia* como este, somos chamados a fazer um sério exame de consciência para compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres.

Necessitamos da escuta silenciosa para reconhecer a sua voz. Se nós falarmos demasiado, não conseguiremos escutá-los a eles. Muitas vezes, temo que tantas iniciativas, apesar de meritórias e necessárias, visem mais comprazer-nos a nós mesmos do que acolher verdadeiramente o clamor do pobre. Se assim for, na hora em que os pobres fazem ouvir o seu brado, a reação não é coerente, não é capaz de sintonizar com a condição deles. Vive-se tão encurralado numa cultura do indivíduo obrigado a olhar-se ao espelho e a cuidar exageradamente de si mesmo, que se considera suficiente um gesto de altruísmo para ficar satisfeito, sem se comprometer diretamente.

3. Um segundo verbo é “*responder*”. O Salmista diz que o Senhor não só escuta o clamor do pobre, mas também responde. A sua resposta – como atesta toda a história da salvação – é uma intervenção cheia de amor na condição do pobre. Foi assim, quando Abraão expressara a Deus o seu desejo de possuir uma descendência, apesar de ele e a esposa Sara, já idosos, não terem filhos (cf. *Gn* 15, 1-6). O mesmo aconteceu quando Moisés, do fogo duma sarça que ardia sem se consumir, recebeu a

revelação do nome divino e a missão de fazer sair o povo do Egito (cf. *Ex* 3, 1-15). E esta resposta confirmou-se ao longo de todo o caminho do povo pelo deserto: tanto quando sentia os apertos da fome e da sede (cf. *Ex* 16, 1-16; 17, 1-7), como quando caía na miséria pior, ou seja, na infidelidade à aliança e na idolatria (cf. *Ex* 32, 1-14).

A resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção salvadora para cuidar das feridas da alma e do corpo, repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade. A resposta de Deus é também um apelo para que toda a pessoa que acredita n'Ele possa, dentro dos limites humanos, fazer o mesmo. O *Dia Mundial dos Pobres* pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o género e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caíra em saco roto. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e contudo pode ser um sinal de solidariedade para quantos passam necessidade a fim de sentirem a presença ativa dum irmão ou duma irmã. Não é de um ato de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quantos escutam o seu brado. A solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento –, mas requer aquela «atenção amiga» (*Evangelii gaudium*, 199) que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem.

4. O terceiro verbo é “*libertar*”. O pobre da Bíblia vive com a certeza de que Deus intervém em seu favor para lhe devolver dignidade. A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a avidez e a injustiça: males tão antigos como o homem, mas sempre pecados são, acabando enredados neles tantos inocentes com dramáticas consequências sociais. A ação libertadora do Senhor é um ato de salvação em prol de quantos Lhe manifestaram a sua aflição e angústia. As amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus. Muitos Salmos narram e celebram esta história da salvação, que se verifica na vida pessoal do pobre: «Ele não desprezou nem desdenhou a aflição do pobre, nem desviou dele a sua face; mas ouviu-o, quando Lhe pediu socorro» (*Sal* 22, 25). Poder contemplar a face de Deus é sinal da sua amizade, da sua proximidade, da sua salvação. «Viste a minha miséria e conheceste a angústia da minha alma; (...) deste aos meus pés um caminho espaçoso» (*Sal* 31, 8b.9). Dar ao pobre um «caminho espaçoso» equivale a libertá-lo da «armadilha do caçador» (cf. *Sal* 91, 3), a tirá-lo da armadilha montada no seu caminho, para poder caminhar sem impedimentos e olhar serenamente a vida. A salvação de Deus toma a forma duma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que necessita. É a partir desta proximidade concreta e palpável que tem início um genuíno percurso de libertação: «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo» (*Evangelii gaudium*, 187).

5. Não cessa de comover-me o caso – referido pelo evangelista Marcos (cf. 10, 46-52) – de Bartimeu, na pessoa de quem vejo identificados tantos pobres. O cego Bartimeu era um mendigo, que «estava sentado à beira do caminho» (10, 46); tendo ouvido dizer que ia a passar Jesus, «começou a gritar» e a invocar o «Filho de David» para que tivesse piedade dele (cf. 10, 47). «Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais» (10, 48). O Filho de Deus escutou o seu brado e «perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Mestre, que eu veja!” – respondeu o cego» (10, 51). Esta página do Evangelho torna visível aquilo que o Salmo anunciava como promessa. Bartimeu é um pobre que se encontra desprovido de capacidades fundamentais, como o ver e o poder trabalhar. Também hoje não faltam percursos que levam a formas de precariedade. A falta de meios basilares de subsistência, a marginalização quando já não se está na plenitude das próprias forças laborais, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos realizados pela humanidade... Como Bartimeu, quantos pobres há hoje à beira da estrada e procuram um significado para a sua condição! Quantos se interrogam acerca dos motivos por que chegaram ao fundo deste abismo e sobre o modo como sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles, dizendo: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te» (10, 49).

Com frequência, infelizmente, verifica-se o contrário: as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer. São vozes desafinadas, muitas vezes regidas por uma fobia para com os pobres, considerados como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe. Tende-se a criar distância entre nós e eles, não nos dando conta de que, assim, acabamos distantes do Senhor Jesus, que não os afasta mas chama-os a Si e consola-os. Como soam apropriadas a este caso as palavras do profeta relativas ao estilo de vida do crente: «libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus» (*Is* 58, 6-7). Este modo de agir faz com que o pecado seja perdoado (cf. *1 Ped* 4, 8), a justiça percorra a sua estrada e, quando formos nós a clamar pelo Senhor, Ele nos responda dizendo: Aqui estou! (cf. *Is* 58, 9).

6. Os primeiros habilitados a reconhecer a presença de Deus e a dar testemunho da sua proximidade à própria vida são os pobres. Deus permanece fiel à sua promessa e, mesmo na escuridão da noite, não deixa faltar o calor do seu amor e da sua consolação. Contudo, para superar a opressiva condição de pobreza, é necessário aperceber-se da presença de irmãos e irmãs que se ocupem deles e que, abrindo a porta do coração e da vida, lhes façam sentir bem-vindos como amigos e familiares. Somente deste modo podemos descobrir «a força salvífica das suas vidas» e «colocá-los no centro do caminho da Igreja» (*Evangelii gaudium*, 198).

Neste *Dia Mundial*, somos convidados a tornar concretas as palavras do Salmo: «Os pobres comerão e serão saciados» (*Sal* 22, 27). Sabemos que no templo de Jerusalém, depois do rito do sacrifício, tinha lugar o banquete. Esta foi uma experiência que, no ano passado, enriqueceu a celebração do primeiro *Dia Mundial dos Pobres*, em muitas dioceses. Muitos encontraram o calor duma casa, a alegria duma refeição festiva e a solidariedade de quantos quiseram compartilhar a mesa de forma simples e fraterna. Gostaria que, também neste ano e para o futuro, este *Dia* fosse celebrado sob o signo da alegria pela reencontrada capacidade de estar juntos. Rezar juntos em comunidade e compartilhar a refeição no dia de domingo é uma experiência que nos leva de volta à primitiva comunidade cristã, que o evangelista Lucas descreve em toda a sua originalidade e simplicidade: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. (...) Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (*At* 2, 42.44-45).

7. Inúmeras são as iniciativas que a comunidade cristã empreende para dar um sinal de proximidade e alívio às muitas formas de pobreza que estão diante dos nossos olhos. Muitas vezes, a colaboração com outras realidades, que se movem impelidas não pela fé mas pela solidariedade humana, consegue prestar uma ajuda que, sozinhos, não poderíamos realizar. O facto de reconhecer que, no mundo imenso da pobreza, a nossa própria intervenção é limitada, frágil e insuficiente leva a estender as mãos aos outros, para que a mútua colaboração possa alcançar o objetivo de maneira mais eficaz. Somos movidos pela fé e pelo imperativo da caridade, mas sabemos reconhecer outras formas de ajuda e solidariedade que se propõem, em parte, os mesmos objetivos; desde que não transcuremos aquilo que nos é próprio, ou seja, conduzir todos a Deus e à santidade. Uma resposta adequada e plenamente evangélica, que podemos realizar, é o diálogo entre as diversas experiências e a humildade de prestar a nossa colaboração, sem qualquer espécie de protagonismo.

À vista dos pobres, não se perca tempo a lutar pela primazia da intervenção, mas reconheçamos humildemente que é o Espírito quem suscita gestos que sejam sinal da resposta e da proximidade de Deus. Quando encontramos o modo para nos aproximar dos pobres, saibamos que a primazia compete a Ele que abriu os nossos olhos e o nosso coração à conversão. Não é de protagonismo que os pobres têm necessidade, mas de amor que sabe esconder-se e esquecer o bem realizado. Os verdadeiros protagonistas são o Senhor e os pobres. Quem se coloca ao serviço é instrumento nas mãos de Deus,

para fazer reconhecer a sua presença e a sua salvação. Recorda-o São Paulo quando escreve aos cristãos de Corinto, que competiam entre eles a propósito dos carismas procurando os mais prestigiosos: «Não pode o olho dizer à mão: “Não tenho necessidade de ti”; nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: “Não tenho necessidade de vós”» (*I Cor* 12, 21). Depois, o Apóstolo faz uma consideração importante, observando que os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários (cf. 12, 22) e, «aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo, a esses rodeamos de maior honra e, aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com mais decoro; os que são decentes, não têm necessidade disso» (12, 23-24). Ao mesmo tempo que dá um ensinamento fundamental sobre os carismas, Paulo educa também a comunidade para a conduta evangélica com os seus membros mais fracos e necessitados. Longe dos discípulos de Cristo sentimentos de desprezo e de pietismo para com eles; antes, são chamados a honrá-los, a dar-lhes a precedência, convictos de que eles são uma presença real de Jesus no meio de nós. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40).

8. Por isto se compreende quão distante esteja o nosso modo de viver do modo de viver do mundo, que louva, segue e imita aqueles que têm poder e riqueza, enquanto marginaliza os pobres considerando-os um descarte e uma vergonha. As palavras do Apóstolo são um convite a dar plenitude evangélica à solidariedade com os membros mais fracos e menos dotados do corpo de Cristo: «Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria» (*I Cor* 12, 26). Na mesma linha, nos exorta ele na Carta aos Romanos: «Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde» (12, 15-16). Esta é a vocação do discípulo de Cristo; o ideal para o qual se deve tender constantemente é assimilar cada vez mais em nós «os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (*Flp* 2, 5).

9. Uma palavra de esperança torna-se o epílogo natural para onde nos encaminha a fé. Muitas vezes, são precisamente os pobres que põem em crise a nossa indiferença, filha duma visão da vida, demasiado imanente e ligada ao presente. O clamor do pobre é também um brado de esperança com que manifesta a certeza de ser libertado; esperança fundada no amor de Deus, que não abandona quem a Ele se entrega (cf. *Rm* 8, 31-39). Santa Teresa de Ávila deixara escrito no seu *Caminho de Perfeição*: «A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; assegura-nos um grande domínio; quero dizer que nos torna senhores de todos os bens terrenos, uma vez que nos leva a desprezá-los» (2, 5). Na medida em que somos capazes de discernir o verdadeiro bem é que nos tornamos ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros. É mesmo assim: na medida em que se consegue dar à riqueza o seu justo e verdadeiro significado, cresce-se em humanidade e torna-se capaz de partilha.

10. Convido os irmãos bispos, os sacerdotes e de modo particular os diáconos, a quem foram impostas as mãos para o serviço dos pobres (cf. *At* 6, 1-7), juntamente com as pessoas consagradas e tantos leigos e leigas que, nas paróquias, associações e movimentos, tornam palpável a resposta da Igreja ao clamor dos pobres, a viver este *Dia Mundial* como um momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair em saco roto esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamo-nos todos devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem.

Vaticano, na Memória litúrgica de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2018.

Francisco

## HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO I DIA MUNDIAL DOS POBRES

Basílica Vaticana  
XXXIII Domingo do Tempo Comum, 19 de novembro de 2017

Temos a alegria de repartir o pão da Palavra e, em breve, de repartir e receber o Pão eucarístico, alimentos para o caminho da vida. Deles precisamos todos nós, ninguém excluído, porque todos somos *mendigos do essencial*, do amor de Deus, que nos dá o sentido da vida e uma vida sem fim. Por isso, também hoje, estendemos a mão para Ele a fim de receber os seus dons.

E, precisamente de dons, nos fala a parábola do Evangelho. Diz-nos que somos destinatários dos talentos de Deus, «cada qual conforme a sua capacidade» (Mt 25, 15). Antes de mais nada, reconheçamos isto: temos talentos, somos «talentosos» aos olhos de Deus. Por isso ninguém pode considerar-se inútil, ninguém pode dizer-se tão pobre que não possua algo para dar aos outros. Somos eleitos e abençoados por Deus, que deseja cumular-nos dos seus dons, mais do que um pai e uma mãe o desejam fazer aos seus filhos. E Deus, aos olhos de Quem nenhum filho pode ser descartado, confia uma missão a cada um.

De facto, como Pai amoroso e exigente que é, responsabiliza-nos. Vemos, na parábola, que a cada servo são dados talentos para os multiplicar. Mas enquanto os dois primeiros realizam a missão, o terceiro servo não faz render os talentos; restitui apenas o que recebera: «Com medo – diz ele –, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence» (25, 25). Como resposta, este servo recebe palavras duras: «mau e preguiçoso» (25, 26). Nele, que desagradou ao Senhor? Diria, numa palavra (talvez caída um pouco em desuso mas muito atual), a *omissão*. O seu mal foi o de *não fazer* o bem. Muitas vezes também nos parece não ter feito nada de mal e com isso nos contentamos, presumindo que somos bons e justos. Assim, porém, corremos o risco de nos comportar como o servo mau: também ele não fez nada de mal, não estragou o talento, antes guardou-o bem na terra. Mas, não fazer nada de mal, não basta. Porque Deus não é um controlador à procura de bilhetes não timbrados; é um Pai à procura de filhos, a quem confiar os seus bens e os seus projetos (cf. 25, 14). E é triste, quando o Pai do amor não recebe uma generosa resposta de amor dos filhos, que se limitam a respeitar as regras, a cumprir os mandamentos, como jornaleiros na casa do Pai (cf. Lc 15, 17).

O servo mau, uma vez recebido o talento do Senhor que gosta de partilhar e multiplicar os dons, guardou-o zelosamente, contentou-se com salvaguardá-lo; ora não é fiel a Deus quem se preocupa apenas de conservar, de manter os tesouros do passado, mas, como diz a parábola, aquele que junta novos talentos é que é verdadeiramente «fiel» (25, 21.23), porque tem a mesma mentalidade de Deus e não fica imóvel: arrisca por amor, joga a vida pelos outros, não aceita deixar tudo como está. Descuida só uma coisa: o próprio interesse. Esta é a única omissão justa.

E a omissão é também o grande pecado contra os pobres. Aqui assume um nome preciso: *indiferença*. Esta é dizer: «Não me diz respeito, não é problema meu, é culpa da sociedade». É passar ao largo quando o irmão está em necessidade, é mudar de canal, logo que um problema sério nos indis põe, é também indignar-se com o mal mas sem fazer nada. Deus, porém, não nos perguntará se sentimos justa indignação, mas se fizemos o bem.

Como podemos então, concretamente, agradar a Deus? Quando se quer agradar a uma pessoa querida, por exemplo dando-lhe uma prenda, é preciso primeiro conhecer os seus gostos, para evitar que a

prenda seja mais do agrado de quem a dá do que da pessoa que a recebe. Quando queremos oferecer algo ao Senhor, os seus gostos encontramos no Evangelho. Logo a seguir ao texto que ouvimos hoje, Ele diz: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Estes irmãos mais pequeninos, seus prediletos, são o faminto e o doente, o forasteiro e o recluso, o pobre e o abandonado, o doente sem ajuda e o necessitado descartado. Nos seus rostos, podemos imaginar impresso o rosto d'Ele; nos seus lábios, mesmo se fechados pela dor, as palavras d'Ele: «Isto é o meu corpo» (Mt 26, 26). No pobre, Jesus bate à porta do nosso coração e, sedento, pede-nos amor. Quando vencemos a indiferença e, em nome de Jesus, nos gastamos pelos seus irmãos mais pequeninos, somos seus amigos bons e fiéis, com quem Ele gosta de Se demorar. Deus tem em grande apreço, Ele aprecia o comportamento que ouvimos na primeira Leitura: o da «mulher forte» que «estende os braços ao infeliz, e abre a mão ao indigente» (Prv 31, 10.20). Esta é a verdadeira fortaleza: não punhos cerrados e braços cruzados, mas mãos operosas e estendidas aos pobres, à carne ferida do Senhor.

Lá, nos pobres, manifesta-se a presença de Jesus, que, sendo rico, Se fez pobre (cf. 2 Cor 8, 9). Por isso neles, na sua fragilidade, há uma «força salvífica». E, se aos olhos do mundo têm pouco valor, são eles que nos abrem o caminho para o Céu, são o nosso «passaporte para o paraíso». Para nós, é um *dever evangélico* cuidar deles, que são a nossa verdadeira riqueza; e fazê-lo não só dando pão, mas também repartindo com eles o pão da Palavra, do qual são os destinatários mais naturais. Amar o pobre significa lutar contra todas as pobreza, espirituais e materiais.

E isto far-nos-á bem: abeirar-nos de quem é mais pobre do que nós, tocará a nossa vida. Lembrar-nos-á aquilo que conta verdadeiramente: amar a Deus e ao próximo. Só isto dura para sempre, tudo o resto passa; por isso, o que investimos em amor permanece, o resto desaparece. Hoje podemos perguntar-nos: «Para mim, o que conta na vida? Onde invisto?» Na riqueza que passa, da qual o mundo nunca se sacia, ou na riqueza de Deus, que dá a vida eterna? Diante de nós, está esta escolha: viver para ter na terra ou dar para ganhar o Céu. Com efeito, para o Céu, não vale o que se *tem*, mas o que se *dá*, e «quem amontoa para si não é rico em relação a Deus» (cf. Lc 12, 21). Então não busquemos o supérfluo para nós, mas o bem para os outros, e nada de precioso nos faltará. O Senhor, que tem compaixão das nossas pobreza e nos reveste dos seus talentos, nos conceda a sabedoria de procurar o que conta e a coragem de amar, não com palavras, mas com obras.



**I proposta de Lectio**  
***Repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um***  
**(At 2, 45)**

Os pobres não são bem-aventurados porque são pobres, mas se tornam tais quando neles não falta a confiança no Senhor. Não existe sequer uma passagem no Antigo ou no Novo Testamento que exalte a pobreza como uma virtude. Por si mesma, ela é expressão de indignância e de marginalização. Contudo, a pobreza transforma-se em valor quando é motivada pela confiança, pelo discipulado e pela partilha.

Em primeiro lugar, o pobre é bem-aventurado quando está convencido de que o Senhor escuta o seu clamor (*Sal 34, 7*). É aí, então, que o Senhor mostra-se perto de quem tem o coração contrito, livra o pobre das suas angústias e nada falta àqueles que O temem, segundo a continuação do mesmo salmo. Somente quando se rompe a confiança no Senhor é que a pobreza se converte em contestação para aqueles que se confiam à riqueza, como se Deus não existisse. O impacto deste salmo, assim, ecoa até o *Magnificat* de Maria, pois Deus é capaz de saciar de bens os famintos e despedir os ricos de mãos vazias (*Lc 1, 53*).

À confiança do pobre no Senhor, Jesus de Nazaré acrescenta a pobreza como discipulado. Desde o início de sua vida pública, Jesus não fez meramente uma opção “preferencial” pelos pobres, mas evangelizou os pobres (cf. *Lc 4, 18*) e propôs a pobreza como condição para segui-Lo. Eloquente é o diálogo com o jovem rico (cf. *Mt 19, 16-22*): Jesus coloca-o diante de um dilema, entre os seus bens e o discipulado. Não que a Boa-Nova do Reino fosse dirigida somente aos pobres, mas Jesus sabia bem que, ao escolher os últimos, o discipulado também seria possível para os ricos, enquanto o contrário, por sua vez, quase nunca acontece. Motivados pelo discipulado, os pobres não apenas são destinatários do evangelho, mas se tornam eles mesmos testemunhas do evangelho. De evangelizados, eles passam a ser evangelizadores quando escolhem a porta estreita do seguimento de Cristo e não aquela larga da riqueza. E é nessa relação entre pobreza e seguimento de Cristo que os pobres são bem-aventurados: deles é o Reino dos Céus (cf. *Lc 5, 20*). A bem-aventurança dos pobres não é projetada para o futuro, mas se realiza no presente de quem escolhe a via do discipulado.

Seguindo tais indicações, as primeiras comunidades cristãs repartiam entre si os seus haveres e ninguém passava necessidade, como recorda um dos sumários relatos por Lucas nos *Atos dos Apóstolos*. A partilha dos bens como condição de pobreza assume, para caracterizar a vida eclesial, o caráter do pobre que confia no Senhor e está disposto a seguir Jesus.

A partilha dos bens é mencionada por duas vezes pelo autor dos *Atos* nos chamados “sumários”, dedicados à vida das primeiras comunidades cristãs. No primeiro sumário, a atenção é dirigida à vida comum (*At 2, 42-47*); no segundo, acena-se também à unidade da comunidade que era um só coração e uma só alma (*At 4, 32-35*). Em uma primeira leitura, os dois relatos referidos, juntos, causam uma certa nostalgia pela época de ouro da igreja das origens, em detrimento da contemporânea. Na verdade, esses mesmos sumários são imediatamente desmentidos pela situação na qual nem todos colocavam os seus bens em comum, como demonstram as decisões de Ananias e Safira, que ficaram com uma parte dos seus bens para si mesmos (*At 5, 1-11*). Dessa maneira, o autor dos *Atos* apresenta dois quadros, os quais, ao mesmo tempo, refletem a realidade presente e indicam o ideal de vida da Igreja. Eles estão a mostrar que a partilha dos bens e a superação da pobreza (e de qualquer tipo de pobreza) são valores inalienáveis e permanentes da Igreja em todo o tempo. Assim, Lucas oferece também às nossas comunidades algumas indicações sobre instâncias de perene atualidade, entre as quais estão a fração do pão, a liberdade e o crescimento.

Não é por acaso que o primeiro sumário começa com a perseverança no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração (*At 2, 42*). Somente num segundo momento é que se recorda a partilha dos bens e a superação da indignância na comunidade. A primeira partilha é aquela da oração e da eucaristia, a qual cria um impulso natural na direção da doação dos próprios bens. Sem a oração e a eucaristia, qualquer forma de partilha dos bens é incapaz de durar por muito tempo. Por outro lado, quando a partilha é sustentada pela oração e pela eucaristia, a mesma

torna-se um culto agradável ao Senhor. É expressivo o termo que se refere tanto à eucaristia quanto à partilha dos bens: *koinonia* (comunhão) é expressão daquilo que é *koinos* ou comum; e *koinos* é também o impuro. Na verdade, toda comunhão verdadeira é uma contaminação, no sentido mais elevado do termo. Contaminamo-nos com as feridas e com a pobreza dos outros quando a comunhão eucarística se transforma em partilha dos bens. Por essa razão, quanto mais se é perseverante na oração, tanto mais se é constante na caridade: trata-se de um dos principais vetores que atravessa o *Evangelho de Lucas* e os *Atos dos Apóstolos*.

Os dois quadros apresentados sobre a vida da Igreja foram, muitas vezes, mal compreendidos, sobretudo quando, em nome da partilha dos bens, optou-se pela via da obrigação e da igualdade. Na verdade, nenhum daqueles que partilhavam os seus bens era obrigado a fazê-lo e ninguém tinha a ilusão de que, através da partilha, todos a comunidade atingiria o mesmo nível econômico e social. O caso mencionado de Ananias e Safira demonstra que é a liberdade a condição necessária para a comunhão dos bens, e não a constrição. Onde a liberdade do outro é suprimida a motivo da partilha econômica, ali se dá a máxima injustiça, já que é a liberdade como serviço que garante a partilha mais sincera. A liberdade na partilha com os pobres exprime-se na alegria ou na viva satisfação de quem, sustentado pela fração do pão, reconhece o corpo eucarístico no corpo de Cristo formado pela comunidade. No díptico formado pelo terceiro evangelho e pelos *Atos*, Lucas retorna com frequência ao duplice tema da partilha e da alegria, uma vez que é esta última a medida da sinceridade da primeira, e não o contrário. Somente quando Zaqueu se encheu de alegria é que ele acolheu Jesus na sua própria casa e se tornou capaz de doar a metade dos seus bens aos pobres (cf. *Lc 19, 6-8*).

A terceira indicação sobre a vida das primeiras comunidades diz respeito ao seu crescimento. Lucas relata que o Senhor, a cada dia, acrescentava à comunidade mais e mais pessoas salvas (cf. *At 2, 47*). A igreja que partilha os bens e assume a responsabilidade pelas necessidades dos pobres não se coloca fora da cidade, nem é uma seita largada às margens da sociedade, mas vive e cresce na cidade, ou seja, no meio do povo. Não é difícil encontrar expressões de comunhão de bens entre movimentos e seitas separadas dos seus contextos sociais. Por sua vez, realizar a partilha dos bens na cidade e no próprio segmento social constitui um desafio constante; e essa é a mensagem que Lucas envia para a Igreja em qualquer tempo. Assim, o provérbio segundo o qual “tudo é colocado em comum entre amigos” concretiza-se quando tudo é posto em comum entre os membros da comunidade. O favor do povo pelas primeiras comunidades indica a expressão de uma credibilidade conquistada através da prática: de uma Igreja que partilha os bens e assume a responsabilidade pelas necessidades dos pobres, e não de uma Igreja voltada apenas para si mesma e que, implodindo, se empobrece em vez de crescer.

O duplo impacto dos sumários que acabamos de recordar – sobre a situação real e a instância ideal da Igreja – revela a sua expressão mais concreta na coleta feita entre as igrejas particulares e pelos pobres da Igreja de Jerusalém: uma iniciativa que acompanha a vida da Igreja desde as origens, causada pela emergência vivida em virtude da grande carestia que atingiu o império. Assim, espontaneamente, nasce entre as Igrejas a coleta de doações, a qual apresenta as características dos sumários que comentamos. Essa coleta é expressão de comunhão entre as Igrejas e mostra mais a generosidade das Igrejas mais pobres do que aquela das mais ricas. Também a coleta não é obrigatória e nem definida por uma quota fixa, mas expressão da liberdade de cada um. E ela atesta o crescimento da Igreja na cidade, lá onde as primeiras comunidades cristãs se expandem com rapidez.

O modelo inalcançável da coleta pelos pobres é Nosso Senhor Jesus Cristo com a sua graça: mesmo sendo rico, fez-se pobre para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. *2 Cor 8, 9*). O modelo de Cristo permanece inalcançável, pois jamais se viu alguém que se priva de tal modo de suas riquezas para enriquecer os outros. Geralmente, quem dilapida os próprios bens não enriquece ninguém com sua pobreza. Todavia, justamente porque é inimitável, a rica pobreza de Cristo introduz uma exemplaridade em contínua realização e jamais atingida. Se Jesus, durante a sua vida pública, evangelizou os pobres, e a pobreza é condição para segui-Lo, então a partilha dos bens, no tempo da Igreja, é necessária para que seja vencida toda forma de pobreza.

## **II Proposta de Lectio**

### ***O Senhor escuta o clamor do pobre***

### ***Como a generosidade de Deus pode inspirar-nos***

Nas periferias de Manila, Nairóbi e Lima (como nas de muitas megalópoles dos países desenvolvidos), encontramos a pobreza na sua forma extrema. Tal pobreza ameaça a saúde e a vida, colocando em risco a dignidade humana. Podemos encontrar a pobreza extrema entre os que escapam dos conflitos violentos e os que sofrem as consequências das mudanças climáticas. Milhões de irmãos e irmãs vivem em condições difíceis de suportar. Crianças morrem sem ter tido nem ao menos a oportunidade de enfrentar os desafios da vida e de empenhar-se por um futuro melhor. A maior parte desses sofrimentos não se devem à falta de recursos, mas à violência dos conflitos e à ausência de boa-vontade política em conceder a todos o mínimo acesso aos tesouros da terra. Aqueles dentre nós que vivem uma vida melhor tendem a evitar ou, até mesmo, a reprimir essa realidade.

A sensibilidade de Deus, porém, dirige-se, antes de mais nada e acima de tudo, àqueles que sofrem. «Este pobre clama e o Senhor o escuta» (*Sal* 34, 7). Palavras consoladoras como essas podem ser mal interpretadas como se fossem uma espécie de “ópio do povo”, como se confinassem o tema da pobreza ao âmbito da espiritualidade e minimizassem o nosso senso de responsabilidade social. Contudo, a sensibilidade de Deus voltada ao clamor do pobre visa justamente o contrário: ela encoraja-nos a imitar Deus e a sermos sensíveis à questão da pobreza.

A ideia da “imitação de Deus” é expressa concretamente no ensinamento de Moisés no *Livro do Deuterônimo*. Deus «faz justiça ao órfão e à viúva, ama o estrangeiro e dá-lhe alimento e roupa. Portanto, amai o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros no Egito» (*Dt* 10, 18-19). Com efeito, Deus cuida dos necessitados e os seus fiéis são chamados a colaborar com Ele. Estrangeiros, isto é, refugiados e vítimas de migrações forçadas têm estado sujeitos não só aos problemas econômicos, como também à dureza humana até os nossos dias. É por isso que eles recebem uma atenção especial na ética divina do Sinai: «Ama-o como a ti mesmo, pois vós também fostes estrangeiros na terra do Egito» (*Lv* 19, 34).

A atenção à diversidade da pobreza do gênero humano começa a partir da experiência pessoal concreta. O abismo de sofrimento causado pela pobreza pode ser experimentado quando visitamos as periferias, onde as pessoas vivem no meio de montes de lixo produzido pelos outros. Deus percebe o sofrimento, e tal percepção, tão enfatizada no livro do *Êxodo*, é a razão para o seu plano de resgate: «Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel» (*Ex* 3, 7-8). Ainda que a estrada na direção de uma vida melhor possa ser longa – o povo de Deus caminhou no deserto por quarenta anos! –, ela começa com a visão e a esperança da libertação.

A questão da pobreza, hoje, mais do que nunca, existe atenção e reflexão em âmbito global. A generosidade universal de Deus é visível nos relatos bíblicos da criação. O mundo, com todas as suas riquezas, é «muito bom» aos olhos de Deus (*Gn* 1, 31). O Senhor confia o mundo à humanidade: «Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos. Tudo puseste sob os seus pés: todas as ovelhas e bois, todos os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar, todo ser que percorre os caminhos do mar» (*Sal* 8, 7-9). Enquanto essas palavras provavelmente soaram utópicas nos tempos antigos, quando a humanidade normalmente temia os animais selvagens e os monstros marinhos, elas podem soar, aos ouvidos modernos, tal qual uma profecia concreta e desconcertante. A humanidade desenvolveu métodos terríveis de dominação da natureza. Contudo, em vez de subjugar-la, somos chamados a assumir o cuidado dela. Deus criou Adão e o colocou no belo jardim de Éden «para cultivá-lo e guardá-lo» (*Gn* 2, 15). Somos chamados a apoiar as iniciativas atuais que promovem o uso responsável dos recursos naturais, a sustentabilidade e a cooperação global. Quando custodiamos o nosso planeta, nós imitamos o próprio Deus, o qual plantou os cedros do Líbano (*Sal* 104,16) e dá

de comer aos leõezinhos que «rugem em busca de presa e pedem a Deus o seu alimento» (*Sal* 104, 21).

A generosidade de Deus na criação é fonte dos recursos para eliminar a pobreza desumanizadora. O Senhor chama a humanidade inteira a aprender da beleza da sua criação e a imitar a generosidade abundante que nela vemos. «Os olhos de todos em Ti esperam e Tu lhes forneces o alimento na hora certa. Abres a mão e sacias o desejo de todo ser vivo» (*Sal* 145, 15-16). Assim como as mãos de Deus estão continuamente abertas, também nós somos encorajados: «Abre tua mão para teu irmão, teu necessitado, teu pobre em tua terra» (*Dt* 15, 11).

A generosidade de Deus chega às últimas consequências quando desce até a pobreza humana na manjedoura de Belém (*Lc* 2). Na vida e na missão de Jesus, estão também incluídas a cura dos doentes e a integração dos excluídos da sociedade. Médicos e agentes sociais têm a honra de seguir Jesus nesta missão. Não riqueza, mas generosidade é o que Jesus aprecia quando Ele elogia a oferta da pobre viúva (*Mc* 12, 41-44). Jesus identifica-se até mesmo com aqueles que são os mais necessitados. O critério último da nossa relação com Ele é: «Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a Mim que o fizestes!» (*Mt* 25, 40).

Paulo acusa os coríntios de falta de sensibilidade para com os que se encontram em desvantagem econômica dentro da comunidade (*1Cor* 11, 21 *et seq.*). Lucas, por sua vez, relata a atitude radical de generosidade e partilha que existia entre os primeiros cristãos inspirados pelo Espírito Santo: «Vendam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um» (*At* 2, 45). Essa generosidade não é um ato exterior, mas uma expressão da própria fé. Ela nasce da consciência de que a vida encontra realização quando se colabora, juntos, para a construção do Reino de Deus. «Não escolheu Deus os pobres aos olhos do mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?» (*Tg* 2, 5). João encoraja-nos a amar «com ações e na verdade» (*1Jo* 3, 18). As “ações” pressupõem ouvidos abertos ao clamor dos que sofrem e à chamada divina a colaborar com o projeto divino de libertação. Amar na “verdade” pode ser, hoje, realizado através da busca pelo modo segundo o qual podemos contribuir para o bem comum da humanidade.

A palavra de Deus exala um espírito de otimismo corajoso, de empenho ativo e de cooperação. Todos os que creem em Deus Criador são chamados a considerar a humanidade como uma única comunidade. Todos os dons humanos – intelectuais, sociais e espirituais – são necessários na colaboração para um mundo que seja “muito bom” aos olhos de Deus.

Sugestões para leitura espiritual e meditação: *Dt* 10, 16-19; *Sal* 104; *At* 2, 41-47.

### **III Proposta de Lectio** ***Este pobre clama e o Senhor o escuta (Sal 34,7a)*** ***O clamor dos pobres como apelo de Deus***

O salmo menciona “este pobre”, ou seja, não fala dos pobres genericamente, mas de um pobre bem determinado, o que recorda um passo do *Deuteronômio* que diz: “Cuidarás do teu pobre” (cf. *Dt* 15, 11). O pobre na Bíblia é sempre uma pessoa determinada ou, em todo caso, uma pessoa; jamais uma categoria deixada como plano de fundo. «*Uma vez que nunca deixará de haver pobres na terra, dou-te este mandamento: abre generosamente tua mão para teu irmão, teu necessitado, teu pobre em tua terra*» (*Dt* 15, 11).

Mas o texto original diz: «Abre a tua mão para o teu irmão, para o teu pobre, para o teu humilhado». Nossa atenção, aqui, deve ser colocada naquela palavrinha, naquele adjetivo possessivo “teu”: a tua mão, o teu irmão; mas, sobretudo, o teu pobre, o teu humilhado. Deus não fala no plural; não diz “os nossos ou os vossos irmãos, os nossos ou os vossos pobres”, mas parece querer que cada um cuide de um pobre bem preciso, de um necessitado singularmente: que cada um instaure uma relação pessoal com “este pobre”. Ainda mais, Ele quer que descubramos em nós mesmos o outro que precisa de ajuda.

O outro diz respeito a nós porque está em nós. Cada pessoa não é uma entidade isolada: a sua história participa das outras histórias, está ligada às outras vidas, formando uma trama inextricável. É esse o fundamento ético do nosso cuidar uns dos outros. O mesmo princípio alcança o seu cume no *Evangelho segundo Mateus*, capítulo 25: «Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a Mim que o fizestes!» Mas quem são esses “mais pequenos”? Jesus não os define, até porque, se o fizesse, nós acabaríamos por fazer o bem apenas àquela categoria, transcurando ou prejudicando outras. Cada um está diante dos seus “mais pequenos”, que são aqueles os quais acreditamos ser os mais antipáticos, aqueles aos quais nos custa mais ajudar. O homem que descia de Jerusalém para Jericó e que caiu nas mãos dos assaltantes era um judeu; e o único que o ajudou era um samaritano, o qual, em teoria, seria um inimigo. Contudo, o samaritano moveu-se de compaixão e ajudou o judeu gravemente ferido. A caridade, a solidariedade supera as barreiras habituais entre as pessoas, como a origem étnica ou a religião.

Sabe-se que Jesus, na parábola do bom samaritano (cf. *Lc* 10, 25-37) modifica o discurso. Perguntam-lhe, na verdade, “quem é o meu próximo”, no sentido de buscar saber a quem se deve ajudar. Todavia, Jesus inverte a perspectiva e parece mais convidar quem escuta a colocar-se no lugar da vítima. De fato, como pode sentir misericórdia aquele que não experimenta empatia diante dos que sofrem? Como é possível cuidar do outro quando se contrapõe si mesmo ao outro? A relação de proximidade pressupõe um descobrir-se próximos e irmãos, mesmo na diferença.

Ao propor uma definição tão ampla de pobres e de pequenos, não quero dizer que a pobreza em sentido rigoroso, a pobreza material, não seja grave. Na verdade, a definição ampla serve justamente para ajudar a compreender como, do ponto de vista evangélico, nós somos uma coisa só com os materialmente pobres. Todavia, esse não é, de fato, o nosso ponto de vista ordinário. Na verdade, sentimo-nos bem distante da maior parte dos pobres. Em contrapartida, Jesus, que é Filho de Deus, segundo a nossa fé, identifica-se totalmente com os pobres e os últimos, os estrangeiros, os encarcerados, etc. E em virtude da nossa dificuldade em identificarmo-nos com os pobres é que se mostra útil considerar a pobreza em sentido amplo, vendo sob quais aspectos nós mesmos podemos reconhecer-nos como pobres. Eu, por exemplo, economicamente, sou suficientemente rico, porém, sendo uma pessoa com deficiência, vivo em uma condição de pobreza física, pois dependo totalmente dos outros em todos os âmbitos da minha vida. Qualquer coisa que eu vá fazer, devo fazê-la com a ajuda de um outro, numa espécie de comunhão.

Existem tantos tipos de pobreza. Alguém pode descobrir-se pobre espiritualmente ou afetivamente. A coisa importante é rejeitar permanecer pobres sozinhos. É preciso relacionar-se sempre com os outros e com o Outro. É necessário aprender a pedir – sempre melhor com gentileza! – e a receber, além de aprender a dar. Devemos partilhar tanto a nossa riqueza, quanto a nossa

pobreza; não conservamos ambas só para nós mesmos: essa é a tentação mais comum e é necessário vencê-la.

A relação com os pobres deveria ser pessoal, isto é, de pessoa a pessoa, sem colocar-se em cima de um pedestal diante do outro; mas nem mesmo rebaixar-se. É preciso descobrir a pobreza na própria história de vida para poder sentir e compreender a pobreza na história do outro.

### ***O escutar de Deus é misericórdia e quem escuta Deus cumpre obras de misericórdia***

“O pobre grita”, ou seja, não faz um discurso articulado. A nossa miséria é tão profunda que não consegue explicar-se. Também Jesus, morrendo na cruz, gritou. E não se compreendia bem o que ele dizia. Assim relata Marcos (15, 33-37): *«Quando chegou o meio-dia, houve escuridão sobre toda a terra, até as três horas da tarde. Pelas três da tarde, Jesus gritou com voz forte: “Eli, Eli, lamá sabactâni?”, que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Alguns dos que estavam ali perto, ouvindo-o, disseram: “”, ele está chamando Elias!” Alguém correu e embebeu uma esponja em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara e lhe deu de beber, dizendo: “Deixai! Vamos ver se Elias vem tirá-lo da cruz.” Então Jesus deu um forte grito e expirou».*

O salmo 34 não diz o que o pobre gritou. Pode ter sido um grito de dor, de raiva, um grito sem palavras. Quase uma blasfêmia. E é justamente esse clamor que Deus escuta, como escutou aquele de Jó. No antiquíssimo livro sapiencial, Jó é praticamente acusado pelos seus amigos de blasfêmia, pois ousou perguntar a Deus por que o deixava sofrer, em vez de resignar-se e aceitar tudo passivamente. O salmo 34, porém, diz: “O Senhor o escutou”. A escuta da parte do Senhor não é um simples ouvir. Quando Deus escuta, ele “dirige os ouvidos” e, na sequência, dirige também a mão. Isso recorda o Livro do Êxodo (3, 7-10): *«O Senhor lhe disse: “Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel: para a região dos cananeus e dos heteus, dos amorreus e dos fereseus, dos heveus e dos jebuseus. O grito de aflição dos israelitas chegou até mim. Eu vi a opressão que os egípcios fazem pesar sobre eles. E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito”».*

A escuta da parte de Deus torna-se, de certo modo, uma imediata intervenção. Quando Deus escuta, ele *desce*. E convoca o ser humano: “E agora, vai! Eu te envio”. Por isso, o grito dos pobres torna-se um apelo de Deus. No Êxodo, por exemplo, Deus chama Moisés a colaborar com ele na libertação do povo. Apesar de todas as dificuldades que Moisés enfrenta, ele vai e cumpre a sua missão com a ajuda de Aarão, que o ajuda a superar o seu déficit “de boca e de língua”. (cf. Ex 4, 10). Moisés deveria falar com o faraó, mas tinha dificuldade em comunicar-se. Quem escolheria um porta-voz de boca e língua “pesadas”, senão Deus? O mesmo Deus que diz a Paulo: «Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a minha força se realiza plenamente» (2Cor 12, 9).

Não se trata, portanto, de uma ação de poder ou uma ação que visa meramente a eficiência, como seria possível esperar segundo a nossa lógica humana. A descida de Deus é um abaixamento, é humilde serviço ao pobre. «Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos» (Mc 10,45). E em Jo 13, 12-15 está escrito: «Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto e voltou ao seu lugar. Disse aos discípulos: “Entendeis o que eu vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós». «Dei-vos o exemplo»: em grego é *ὑπόδειγμα* (*hypódeigma*), que vem do verbo *hypodéiknymi*, cujo significado primordial é “mostrar em segredo”. Ainda que eu não tenha plena certeza desta interpretação, é sugestivo pensar que Jesus, que se faz servo, esteja dizendo aos seus discípulos: «Mostrei-vos o meu segredo e vos fiz participantes dos meus sentimentos mais profundos». O sentimento mais profundo de Cristo é o amor. Fazendo-se homem, o Filho escolheu justamente, na unanimidade com o Pai, essa via da humildade e da pobreza, da precariedade e da

dependência. E, exatamente por isso, Ele demonstra ser Deus: exatamente por ter tido a força para escolher a fraqueza, até a morte na cruz. O clamor do pobre não é articulado, mas Deus o escuta, “com-padece” o mesmo grito e transforma-o em apelo pela ação dos Seus filhos. O escutar de Deus é misericórdia e quem escuta Deus cumpre obras de misericórdia.

#### **IV Proposta de Lectio** **Betânia, a casa do pobre**

*Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde morava Lázaro, que Ele tinha ressuscitado dos mortos. Lá, ofereceram-lhe um jantar. Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Ele. Maria, então, tomando meio litro de perfume de nardo puro e muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos. A casa inteira encheu-se do aroma do perfume. Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que entregaria Jesus, falou assim: “Por que este perfume não foi vendido por trezentos denários para se dar aos pobres?” Falou assim, não porque se preocupasse com os pobres, mas, porque era ladrão: ele guardava a bolsa e roubava o que nela se depositava. Jesus, porém, disse: “Deixa-a! Que ela o guarde em vista do meu sepultamento. Os pobres, sempre os tendes convosco. A mim, no entanto, nem sempre tereis”.*

(João 12, 1-8)

Esse relato, cheio de simbolismo, situa-se em um “lugar” estratégico dentro do Evangelho de João. Após a ressurreição de Lázaro, as autoridades religiosas estão ainda mais firmes na decisão de matar Jesus (cf. Jo 11, 49-53). Ali, aquilo que está por acontecer implica numa questão de vida ou morte.

O relato, do ponto de vista *temporal*, é colocado na Páscoa, aquela de Jesus, na qual se registra a vitória da Vida sobre a morte. Do ponto de vista *espacial*, trata-se de Betânia, nome que muito provavelmente deriva da *bêt ‘anî*, “a casa do pobre”. É também a cada da vida, onde a morte é derrotada – uma ideia sugerida pela menção de Lázaro como aquele que tinha sido “ressuscitado dos mortos”. A partir da mesma apresentação, o leitor compreende que se trata, ali, dos pobres, da vida e da morte.

A ceia que é preparada para Jesus antecipa aquela outra e única ceia sobre a qual fala o mesmo *Evangelho de João*, a última ceia (cf. Jo 13, 2), e, de alguma maneira, junto desta última, ela é também antecipação do banquete escatológico do fim dos tempos. Quem são os que a preparam? Os nomes não são explicitados, talvez, para convidar toda comunidade cristã a reconhecer-se ali. A comunidade de Betânia, comunidade dos pobres, pode servir de paradigma para as nossas comunidades atuais. Todos, indistintamente, somos representados pelos personagens presentes no relato.

Como Marta, queremos colocar-nos a serviço dos outros (*diakonía*). Todos, como Lázaro, fomos levantados novamente por Jesus, salvos das nossas mortes mediante a sua força de ressurreição. Existem também, em cada um de nós, tendências egoístas e mesquinhas, como aquelas ali atribuídas a Judas.

Na cena, a verdadeira ação começa quando Maria procede à unção, um gesto que se torna um modelo para viver as nossas relações dentro da comunidade. O nardo puro e precioso evoca no leitor a amada do *Cântico dos Cânticos* (cf. Ct 1, 12). Trata-se de um gesto de amor, um amor puro e de grande valor, pois brota do coração e versa-se sobre o Hóspede; um gesto que representa a entrega amorosa e gratuita de todo o nosso ser àquele que vive em situação de fragilidade, àquele a quem “falta” algo e cuja vida é ameaçada de morte. Maria envolve-se inteiramente, corpo e alma, naquele gesto. Seus cabelos – usados pela amada do *Cântico dos Cânticos* para prender a atenção do rei (cf. Ct 7, 6) – já estão impregnados de perfume (cf. Ct 1, 3), o que indica a resposta do amor da parte de quem reconhece ser amado. É um amor que se espalha pela “casa” inteira, por toda a comunidade, pois todos somos convidados a entrar na dinâmica do amor gratuito, doado e recebido.

Um tal gesto de amor suscita uma reação que também fala sobre nós: Judas é apresentado como “um dos seus discípulos”. Os discípulos têm a capacidade de amar sem medida, como Maria, mas também de entregar à morte, como o Iscariotes. A referência ao papel do traidor introduz a questão do valor monetário do perfume. Trezentos denários eram equivalentes a quase um ano de trabalho: uma verdadeira fortuna para um pobre! Esse cálculo recorda as frequentes críticas da classe média aos pobres quando eles decidem gastar dinheiro para fazer uma festa: seria “melhor” usar esse



dinheiro, por exemplo, para arrumar a própria casa. Tem-se quase a pretensão de saber mais sobre aquilo que os pobres precisam do que eles mesmos. Por sua vez, os pobres, como Maria, sabem bem que a festa é possível somente onde há excesso de gratuidade, onde nada é colocado de lado com mesquinhez; e eles oferecem o melhor possível daquilo que possuem. Quando se assume a lógica do lucro em lugar da lógica do dom, entra-se numa dinâmica de morte, capaz de sacrificar o outro em virtude de um cálculo de custo-benefício.

O comentário do narrador evidencia as intenções de Judas. Trata-se de uma constante: quando se fala muito dos pobres como categoria externa, é porque não existe, de fato, preocupação alguma com eles. Eles são usados: para dar-lhes esmola; para tranquilizar a própria consciência; para sentir-se bem, ajudando-os; ou, pior ainda, para pôr as mãos naquilo que lhes corresponde. Aquilo que verdadeiramente satisfaz a fome dos necessitados é a partilha, como no caso da multiplicação dos pães (cf. *Jo* 6, 9-11). Quando se doa, acontece a multiplicação. Quando se acumula, acontece a “capitalização”, a qual enriquece apenas um e deixa muitos com fome.

A resposta de Jesus acontece em dois momentos. Primeiramente, Ele relaciona a unção com a Sua sepultura: aparece novamente o tema da morte, não mais aquela de Lázaro, mas a de Jesus. Todavia, os leitores, os quais “veem” Lázaro ali vivo, ressuscitado por Jesus, sabem que a sepultura de Jesus não pode significar uma morte definitiva, pois Ele mesmo é “a ressurreição e a vida” (cf. *Jo* 11, 25). O gesto de Maria, portanto, não é a unção de uma pessoa morta, mas a celebração da Vida. O amor que é doado na comunidade àqueles que padecem necessidades é sempre sinal de uma Vida que vence a morte. A entrega de si salva da morte tanto quem se doa como quem recebe o amor.

No segundo momento da resposta, Jesus afirma que sempre teremos os pobres conosco. Essa afirmação, longe de indicar uma realidade de injustiça, a qual jamais poderá ser mudada, quer mostrar a composição concreta de toda comunidade cristã. A frase parece inspirar-se em *Dt* 15, 11: «Uma vez que nunca deixará de haver pobres na terra [...]». Era a razão pela qual o Israelita deveria ser solidário com o “irmão pobre e necessitado”. Para Jesus, os pobres não estão apenas na terra – na pátria –, mas estão sempre “com” a comunidade, no meio dela. Para a comunidade cristã, simbolizada nesse grupo de Betânia – nome bastante simbólico –, os pobres não estão “fora”, como se fossem uma realidade a ser acudida através da esmola. Eles são parte integrante da comunidade, uma parte de tão importante que o próprio Jesus identificou-Se com eles. Haverá um tempo em que eles não mais terão Jesus no meio deles da mesma maneira, pois Ele «irá ao pai» (*Jo* 16, 28). Contudo, eles continuarão a tê-lo na pessoa do pobre, o qual será sempre o seu *vigário* (cf. *Mt* 25, 40).

Pode-se compreender, portanto, que a frase de Jesus torna-se um critério de discernimento para a Igreja. A nossa comunidade será cristã, como a comunidade de Betânia, se ela contar as pessoas pobres entre os seus membros. Betânia é a Igreja na qual os pobres são protagonistas e construtores do Reino. Na pessoa de Judas, como foi dito, retorna a tentação de muitas das nossas comunidades: considerar o pobre como objeto da nossa beneficência e, assim, considerá-lo fora da comunidade.

Maria assume no seu gesto a concretude de uma dupla vocação da comunidade. Por um lado, diante de Jesus – o pobre concreto, o irmão cuja vida é ameaçada –, ela derrama o seu perfume: não mede, não calcula, não estabelece condições... Ela compromete-se, sabe implicar-se no encontro. Também hoje, através do serviço oferecido pela comunidade aos pés do pobre, a inteira casa, o inteiro universo é preenchido pela fragrância do perfume: a ternura “tem um perfume agradável”.

Por outro lado, Maria unge, consagra os pés de Jesus para que Ele possa continuar, até o fim, o seu percurso de solidariedade aos pobres. Essa é, também, uma função da comunidade enquanto corpo: sustentar-nos e encorajar-nos reciprocamente no seguimento de Jesus, pobre e solidário.

## Vigília de oração

### *Este pobre clama e o Senhor o escuta*

Passagens bíblicas sugeridas: *Gn* 4, 1-16; *Sal* 34(33); *Mc* 15; *Ap* 7,9-17

---

#### Introdução

A presente *Vigília* desenvolve-se ao redor da palavra “clamor”, “grito”. São muitos os motivos, tanto interiores como exteriores, que provocam o grito do oprimido.

Na primeira *statio*, o texto do livro do *Gênesis* (4, 1-16) dá voz ao grito do sangue inocente, ao clamor de todos os que, injustamente, sofrem perseguições e morte, e, também, ao brado dos que se consomem lentamente em virtude do sofrimento quotidiano.

A passagem central do *Salmo* 34(33), na segunda *statio*, evoca o grito que chama à conversão. Concentra-se no *grito do pobre*, mas também no Senhor que o escuta e salva, em Deus que procura melhorar a condição humana, consolar os que vivem na pobreza espiritual e no desespero. O mal-estar interior é superado quando o oprimido é tocado pela mão do Senhor.

A terceira *statio* apresenta o grito de Jesus na cruz (*Mc* 15, 33-37), um grito de abandono total, de solidão e de incompreensão. A Mãe de Deus, que silenciosamente acompanha o grito de seu Filho, é imagem de todos os que não conseguem mais levantar a voz, que estão muito fracos para emitir até mesmo um tímido sinal para defender a si mesmos.

Por fim, na quarta *statio*, o texto tirado do livro do *Apocalipse* (7, 9-17) orienta o coração na direção do horizonte de esperança da fé cristã, a qual não leva à desilusão, pois é enraizada na palavra definitiva sobre a história da humanidade e do mundo: a vitória do Senhor Ressuscitado.

Para adaptar a proposta de *Vigília* às exigências particulares de cada comunidade específica (paróquia, capela hospitalar, mosteiro, etc.), é possível selecionar cânticos para cada *statio*. Para aprofundar os temas recorrentes nos textos bíblicos propostos, sugere-se preparar uma meditação ou propor alguns testemunhos, segundo as exigências e as possibilidades da comunidade que celebra a *Vigília*. Antes da bênção final, pode-se inserir uma oração de intercessão, pronunciada pelo próprio sacerdote ou pelos fiéis, dedicada às mais variadas situações nas quais vivem os pobres.

A escolha das passagens bíblicas pode ser modificada, segundo as disposições de quem organiza a *Vigília*, para destacar outras dimensões do *grito* da humanidade que chega até o trono do Altíssimo. Alguns exemplos: *Ex* 2,23-25;3,7-9 (o grito dos Israelitas, escravizados na terra do Egito, chega a Deus); *Jt* 4,8-13 (os Israelitas clamam a Deus para não caírem nas mãos do inimigo); no *Livro de Jó*, são diversas as imagens do sofrimento que grita ao Senhor (3,24; 16,18; 17,14); *Is* 40,1-5 (a pobreza espiritual, a desilusão e a depressão, a inquietude interior); *Jl* 1,13-20;2,12-13 (lamento por uma catástrofe, penitência e resposta do Senhor).

A *Vigília* pode ser celebrada diante do Santíssimo Sacramento exposto.

O sacerdote expõe o Santíssimo Sacramento como de costume. Segue um canto e uma breve exortação.

- 1. O sangue de Abel grita – a opressão física e material, a injustiça, o drama do oprimido, mas também do opressor**

Leitura do Livro do Gênesis

(4, 1-16)

*Adão se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, dizendo: “Ganhei um homem com a ajuda do Senhor”. Tornou a dar à luz e teve Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim pôs-se a cultivar o solo. Aconteceu, tempos depois, que Caim apresentou ao Senhor frutos do solo como oferta. Abel, por sua vez, ofereceu os primeiros cordeirinhos e a gordura das ovelhas. E o Senhor olhou para Abel e sua oferta, mas não deu atenção a Caim com sua oferta. Caim ficou irritado e com o rosto abatido. Então o Senhor perguntou a Caim: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? Não é verdade que, se fizeres o bem, andarás de cabeça erguida? E se fizeres o mal, não estará o pecado espreitando-te à porta? A ti vai seu desejo, mas tu deves dominá-lo”. Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos ao campo!” Mas, quando estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou. O Senhor perguntou a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” – “Que fizeste?”, perguntou ele. “Do solo está clamando por mim a voz do sangue do teu irmão! Por isso, agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue de teu irmão que tu derramaste. Quando cultivares o solo, ele te negará seus frutos e tu virás a ser um fugitivo, vagueando sobre a terra”. Caim disse ao Senhor: “Meu castigo é grande demais para que eu o possa suportar. Se hoje me expulsas deste chão, devo esconder-me de ti, quando estiver fugindo e vagueando pela terra; quem me encontrar vai matar-me”. Mas o Senhor lhe disse: “Se matarem Caim, ele será vingado sete vezes”. O Senhor pôs então um sinal em Caim, para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse. Caim afastou-se da presença do Senhor e foi habitar na região de Nod, a leste de Éden.*

**Meditação e/ou testemunho**

**Cantos**

**Oração silenciosa**

## **2. Este pobre gritou a Deus e o Senhor o ouviu, livrou-o de todas as angústias**

**Leitura do Salmo 33(34)**

*Bendirei o Senhor Deus em todo o tempo, \*  
seu louvor estará sempre em minha boca.  
Minha alma se gloria no Senhor; \*  
que ouçam os humildes e se alegrem!*

*Comigo engrandeci ao Senhor Deus, \*  
exaltemos todos juntos o seu nome!  
Todas as vezes que o busquei, ele me ouviu, \*  
e de todos os temores me livrou.*

*Contemplai a sua face e alegrai-vos, \*  
e vosso rosto não se cubra de vergonha!  
Este pobre gritou a Deus, e foi ouvido, \*  
e o Senhor o libertou de toda angústia.*

*O anjo do Senhor vem acampar \*  
ao redor dos que o temem, e os salva.  
Provai e vede quão suave é o Senhor! \*  
Feliz o homem que tem nele o seu refúgio!*

*Respeitai o Senhor Deus, seus santos todos, \*  
porque nada faltará aos que o temem.*

*Os ricos empobrecem, passam fome, \*  
mas aos que buscam o Senhor não falta nada.*

Meditação e/ou testemunho  
Cantos  
Oração silenciosa

### **3. O grito de Jesus na cruz – o grito de abandono**

Leitura do Evangelho segundo Marcos

(15, 33-37)

*Quando chegou o meio-dia, houve escuridão sobre toda a terra, até as três horas da tarde. Pelas três da tarde, Jesus gritou com voz forte: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni?’, que quer dizer: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ Alguns dos que estavam ali perto, ouvindo-o, disseram: ‘Vejam, ele está chamando Elias!’ Alguém correu e embebeu uma esponja em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara e lhe deu de beber, dizendo: ‘Deixai! Vamos ver se Elias vem tirá-lo da cruz.’ Então Jesus deu um forte grito e expirou.*

Meditação e/ou testemunho  
Cantos  
Oração silenciosa

### **4. Os santos no céu – o grito da esperança**

Leitura do livro do Apocalipse

(7, 9-17)

*Eu, João, vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão. E clamavam em alta voz: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro”. Todos os Anjos formavam círculo em volta do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres Vivos. Prostraram-se diante do trono, de rosto por terra, e adoraram a Deus, dizendo: “Amém! A bênção e a glória, a sabedoria e a ação de graças, a honra, o poder e a força ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!”. Um dos Anciãos tomou a palavra e disse-me: “Esses que estão vestidos de túnicas brancas, quem são e de onde vieram?” Eu respondi-lhe: “Meu Senhor, vós é que o sabeis”. Ele disse-me: “São os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, servindo-O dia e noite no seu templo. Aquele que está sentado no trono abrigá-los-á na sua tenda. Nunca mais terão fome nem sede, nem o sol ou o vento ardente cairão sobre eles. O Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os conduzirá às fontes da água viva. E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos”.*

Exortação conclusiva que resume a Vigília e convida todos à oração do Senhor:

**Pai nosso, que estais nos céus,  
santificado seja o Vosso nome;  
venha a nós o Vosso reino;  
seja feita a Vossa vontade  
assim na terra como no céu.  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;**

**perdoai-nos as nossas ofensas,  
assim como nós perdoamos  
a quem nos tem ofendido;  
e não nos deixeis cair em tentação;  
mas livrai-nos do mal.  
Amém.**

### **Salmo do serviço**

*Jesus chama-nos a ser servos, como Ele é servo,  
para que a humanidade acolha a Sua mensagem,  
não tanto como quem experimenta a ascética da pureza,  
mas como quem vive, a cada dia, as tribulações do serviço.*

Jesus, Vós que lavastes os pés aos pobres pescadores,  
ajudai-nos a compreender que os pés dos pobres  
são a destinação de todo caminho espiritual sério.

Quando Vos curvastes aos calcanhares dos Vossos discípulos,  
Fizestes-nos compreender quais são as basílicas  
Às quais dirigir as nossas peregrinações.

Nas bem-aventuranças, dissestes-nos que os pobres são benditos,  
ou seja, que são os pobres aqueles que serão salvos.  
Mas também acrescentastes:  
“Bem-aventurados sereis quando ajudardes o pobre,  
quando lhe derdes de comer ou de beber,  
quando o hospedardes ou visitardes”.  
Assim, serão salvos os pobres e  
Aqueles que são solidários com os pobres.

“Bem-aventurados sois vós, pobres, porque vosso é o reino dos céus”.  
“Vinde ao reino, benditos, porque eu tive fome  
e me destes de comer”.  
Em outras palavras, Vós estais a dizer-nos:  
“Bem-aventurados aqueles que servem os pobres,  
aqueles que assumem a causa do pobre”.

Ajudai-nos, Jesus, a ser solidários com os pobres,  
a ser seus amigos e irmãos.  
Ajudai-nos, Jesus, a saber reconhecer-Vos nos pobres e nos que sofrem,  
para que eles nos acolham, um dia, na casa do Pai!

*(D. Tonino Bello, bispo)*

**O Sacerdote termina a vigília como de costume.**

### **BÊNÇÃO EUCARÍSTICA**

### De joelhos, canta-se o hino eucarístico:

Tantum ergo sacramentum  
veneremur cernui,  
et antiquum documentum  
novo cedat ritui;  
praestet fides supplementum  
sensum defectui.  
Genitori Genitoque  
laus et iubilatio,  
salus, honor, virtus quoque  
sit et benedictio;  
procedenti ab utroque  
compar sit laudatio.  
Amen.

Tão sublime Sacramento,  
adoremos neste altar,  
Pois o Antigo Testamento  
deu ao Novo seu lugar.  
Venha a fé por suplemento  
os sentidos completar.  
Ao eterno Pai cantemos  
e a Jesus, o Salvador.  
Ao Espírito exaltemos,  
na Trindade eterno amor.  
Ao Deus uno e trino demos  
a alegria do louvor.  
Amém.

### Oremos

Senhor Jesus Cristo,  
que neste admirável Sacramento  
nos deixastes o memorial da vossa Paixão,  
dai-nos venerar com tão grande amor  
o mistério do vosso Corpo e do vosso Sangue,  
que possamos colher continuamente os frutos da vossa Redenção.  
Vós que viveis e reinais com o Pai,  
na unidade do Espírito Santo.  
Amém.

### O sacerdote dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

### Aclamações

#### Um leitor entoa e a assembleia repete:

1. Bendito seja Deus.
2. Bendito seja o seu Santo Nome.
3. Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
4. Bendito seja o nome de Jesus.
5. Bendito seja o seu Sacratíssimo Coração.
6. Bendito seja o seu preciosíssimo sangue.
7. Bendito seja Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do altar.
8. Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
9. Bendita seja a grande Mãe de Deus Maria Santíssima.
10. Bendita seja a sua Santa Imaculada Conceição.
11. Bendita seja a sua gloriosa Assunção.
12. Bendita seja o nome de Maria Virgem e Mãe.
13. Bendito seja São José, seu castíssimo esposo.
14. Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos. Amém.

### Enquanto o Santíssimo Sacramento é depositado no tabernáculo, entoa-se um canto.

### Antífona mariana

### **Salve, Regina,**

Mater misericordiae,  
vita, dulcedo et spes nostra, salve.  
Ad te clamamus, exsules filii Evae.  
Ad te suspiramus gementes et flentes  
in hac lacrimarum valle.  
Eia ergo, advocata nostra,  
illos tuos misericordes oculos ad nos converte.  
Et Iesum, benedictum fructum ventris tui,  
nobis, post hoc exilium, ostende.  
O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria!

### ***Oração à Bem-Aventurada Virgem Maria dos Pobres***

Virgem dos Pobres, acompanhai-nos a Jesus, única fonte de graça, e ensinai-nos a docilidade ao Espírito Santo, para que se acenda em nós aquele fogo de amor que nos leva ao Reino.

Virgem dos Pobres, salvai as nações: obtende-nos a graça de sermos guiados por governantes sábios e que todos os povos, vivendo na paz e na concórdia, formem um único rebanho sob um só pastor.

Virgem dos Pobres, intercedei pela cura dos que sofrem e fortalecei aqueles que os servem com amor; ensinai-nos a pertencer somente a Cristo e livrai-nos de todos os perigos.

Virgem dos Pobres, confortai os enfermos com a Vossa presença. Ensinai-nos a carregar a nossa cruz cotidiana com Jesus e fazei que nos empenhemos lealmente no serviço aos pobres e aos que sofrem.

Virgem dos Pobres, intercedei ao vosso Filho e obtende-nos todas as graças necessárias para a nossa salvação, para a salvação das nossas famílias e de todos aqueles que se confiam às nossas orações, bem como para a salvação da humanidade inteira.

Virgem dos Pobres, nós cremos em Vós e, confiando na Vossa intercessão materna, abandonamo-nos à Vossa proteção. A Vós confiamos o caminho que a Igreja está percorrendo neste terceiro milênio, o crescimento moral e espiritual dos jovens, as vocações religiosas, sacerdotais, missionárias e a obra da nova evangelização.

Virgem dos Pobres, que dissestes: «Acreditai em mim, e eu acreditarei em vós», nós Vos agradecemos pela Vossa confiança. Ajudai-nos a ser capazes de fazer escolhas de acordo com o Evangelho. Ajudai-nos a administrar a nossa liberdade no serviço recíproco e no amor de Cristo, pela glória do Pai.

Virgem dos Pobres, cumulai-nos de graças, dai-nos a Vossa bênção e transformai a nossa vida. Fazei que ninguém se deixe abater pela escravidão do pecado e que todos se consagrem a Cristo, único Senhor.

Virgem dos Pobres, Mãe do Salvador, Mãe de Deus, nós Vos agradecemos pela Vossa disponibilidade à vontade divina que, em Sua infinita bondade, deu-nos o Redentor. Nós Vos agradecemos, pois escutais as nossas invocações e as apresentais a Jesus, único mediador. Ensinai-nos a bendizer o Pai em toda a circunstância da nossa existência e a viver frutuosa e eucaristicamente a Eucaristia, alimento de vida eterna.

Virgem dos Pobres, nós Vos apresentamos as nossas intenções, para que sejais nossa intercessora junto ao Senhor e obtenhais, segundo a vontade divina e pela Vossa mediação materna, todas as graças e bênçãos de que necessitamos.  
Amém.

### **INVOCAÇÕES A NOSSA SENHORA DOS POBRES**

Virgem dos Pobres, acompanhai-nos a Jesus, fonte da graça.  
Virgem dos Pobres, salvai as nações.  
Virgem dos Pobres, dai alívio aos enfermos.  
Virgem dos Pobres, confortai os que sofrem.  
Virgem dos Pobres, intercedei por cada um de nós.  
Virgem dos Pobres, nós acreditamos em Vós.  
Virgem dos Pobres, acreditai em nós.  
Virgem dos Pobres, nós rezaremos muito.  
Virgem dos Pobres, dai-nos Vossa bênção maternal.  
Virgem dos Pobres, Mãe do Salvador, Mãe de Deus, muito obrigado!

*(da Novena a Nossa Senhora dos Pobres de Banneux)*

### **ORAÇÃO DO POBRE**

**PAI**, sou pobre e peço-Te como pobre,  
dá-me a graça de ser alegre na minha pobreza,  
de silenciar, escutando os mais pobres,  
exultando da alegria de ser pobre com e para cada pobre,  
como Teu Filho e meu Irmão Jesus,  
fazendo somente a Tua vontade.

**JESUS CRISTO**, ajuda-nos a compreender a bem-aventurança da mansidão,  
a responder e ajudar a libertar a todos e a cada irmão,  
sem distinção de cor, raça ou religião.  
Mestre humilde, morador escondido em cada abandonado,  
na criança desprezada, no velhinho em solidão,  
na família sem casa e sem pão,  
no migrante e refugiado,  
no toxicodependente e na prostituta,  
no jovem à procura de um rumo,  
em cada pessoa mais necessitada,  
pedimos-Te por todos esses, que somos todos nós:  
lembra-Te que somos um em Ti, teu corpo Único;  
abre os nossos olhos, cura as nossas feridas,  
e, em tudo, todos encontraremos a ocasião  
de reconhecer-Te e amar-Te  
entregando-nos como Tu, pão partido e partilhado.

**ESPÍRITO SANTO**, único capaz de mover e renovar todas as coisas,  
torna-nos mais amáveis, mais acolhedores, mais próximos.



Que o nosso testemunho de vida cativa outros corações  
a vencer a hipocrisia, a insensibilidade, a indiferença e o ódio  
com o mesmo amor que une Jesus ao Pai.

**TRINDADE SANTA**, Deus Uno e Trino  
Que saibamos responder ao clamor dos pobres,  
com esperança, um sorriso, com perfeita alegria,  
e Te sirvamos, louvemos, adoremos e amemos  
em cada gesto gratuito e misericordioso,  
pela invocação silenciosa e constante do teu Santo Nome.  
Amém.

### **ORAÇÃO PELOS POBRES**

Senhor Jesus,  
feito pobre para nos enriquecer com a Tua Pobreza,  
escuta a nossa prece.  
Pelo frio do presépio e da noite de Natal,  
lembra-Te dos que não têm uma casa digna.  
Pelo medo e a insegurança na fuga para o Egito,  
lembra-Te dos migrantes e dos refugiados.  
Pelos anos de pobreza em Nazaré,  
lembra-Te de tantos homens e mulheres  
que não ganham o suficiente para sustentarem as suas famílias.  
Pela dor que causaste a Maria e a José ao ficares no templo,  
lembra-Te dos pais cujos filhos se perderam nos maus caminhos  
ou foram raptados pelos piores motivos.  
Pela violência, a injustiça, a hipocrisia, o ódio  
de que foste vítima inocente,  
faz-nos compreender a bem-aventurança da mansidão,  
da justiça, da misericórdia e da paz.  
Pelos horas terríveis do Calvário,  
lembra-Te dos que jazem sem saúde e sem recursos  
no seu leito de dor.  
Por intercessão de Maria, Tua Mãe,  
que cantou a ação de Providência sobre os humildes e os famintos,  
ajuda-nos a vencer a nossa insensibilidade e a indiferença.  
Que os pobres saibam que através de nós, discípulos do Ressuscitado,  
cumpre-se a Tua promessa: “Eu estarei sempre convosco”.  
Amém.

*(Irmãs Franciscanas da Divina Providência – Missão Timor Leste – Comunidades Oe-cusse e Díli)*

## Propostas para a celebração do *Dia Mundial dos Pobres*

### Preparação para o *Dia Mundial dos Pobres*

No caminho para o segundo *Dia Mundial dos Pobres*, podem-se organizar alguns *momentos de preparação* para o evento a serem realizados nas paróquias, nas dioceses, nas associações católicas e, também, nas escolas e universidades.

A preparação para o *Dia Mundial dos Pobres* pode ser articulada em três fases, seguindo os três verbos do Salmo 34 – *clamar, responder e libertar* – propostos na Mensagem do Papa Francisco intitulada “Este pobre clama e o Senhor o escuta”. Esses três verbos também recordam os três momentos – ver, julgar e agir – do discernimento ético segundo a Doutrina Social da Igreja.

**Clamar:** podem-se organizar ocasiões para a *escuta da voz de quem vivem em condições de pobreza*, para dar voz e escutar testemunhos de moradores de ruas, migrantes que fugiram da guerra e da fome, pais e mães que perderam o emprego e não conseguem prover para suas famílias, idosos que passam seus dias na solidão de suas casas, etc.

**Responder:** depois de ter escutado os testemunhos de nossos irmãos e irmãs que vivem em condições desfavoráveis, podem-se propor *momentos de partilha e de reflexão* comunitária, paroquial e diocesana, e até mesmo nas escolas, para **responder, no sentido de participar da dor e do sofrimento do pobre, e provar compaixão pela lesão à sua dignidade humana**. Esses encontros podem, também, ser ocasião para refletir sobre as *formas de pobreza que estão mais próximas de nós* e que, portanto, são mais “incômodas” e difíceis de socorrer, bem como sobre o fato de que ninguém entre nós é “imune” à pobreza: todos somos “rodeados por tantas formas de pobreza”.

**Libertar:** diante do drama humano da pobreza, o cristão e todas as pessoas de boa vontade não podem permanecer inertes, mas devem procurar empenhar-se para **libertar** os irmãos e irmãs da condição de pobreza que não os permite gozar plenamente dos direitos humanos fundamentais e caminhar para o desenvolvimento humano integral. Nessa terceira fase, as paróquias, dioceses, associações católicas e escolas podem dar vida a iniciativas, mesmo duradouras, que busquem concretamente aliviar as duras condições de vida dos nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis e em situação de indignidade.

Conduzir **um trabalho de sensibilização aos temas da pobreza e em preparação ao *Dia Mundial nas escolas*** é, também, algo a se pensar com especial atenção. Essa oportunidade representa uma importante ocasião para a evangelização.

### Para viver o II *Dia Mundial dos Pobres* – 2018

Para a celebração do *II Dia Mundial dos Pobres* no domingo, dia 18 de novembro, pode-se predispor:

- a) a liturgia do domingo de modo a fazer emergir a presença dos pobres. Estes podem ser envolvidos, por exemplo, no serviço litúrgico, nas leituras, na apresentação das oferendas e na coleta das ofertas.
- b) a reprodução de uma das orações presentes no *Subsídio*, com impressão de uma imagem (um santinho ou pagela) para ser distribuída aos pobres como uma lembrança do *Dia*.
- c) a organização de *atos simbólicos*, obras concretas de misericórdia para os irmãos e irmãs em situação de marginalização e indignidade. Por exemplo, um almoço com os pobres nas paróquias, nas famílias, etc.
- d) uma *coleta especial* para o *Dia*, a ser direcionada para uma obra concreta que seja visível e recorde o *II Dia Mundial dos Pobres*.
- e) o *envolvimento* das *crianças* e dos *jovens* na celebração do *Dia Mundial dos Pobres*, também através de obras concretas de apostolado. De fato, a vida frenética cotidiana, sobretudo nas grandes cidades, fez com que se perdesse o hábito de praticar obras de caridade, obras de bem,

gestos de proximidade para com o pobre. O *Dia Mundial* pode ser ocasião para encorajar e aproximar os mais jovens das obras de misericórdia.



### O LOGÓTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES

A dimensão da reciprocidade é contemplada pelo logótipo do *Dia Mundial dos Pobres*. Vê-se uma porta aberta e, à entrada, duas pessoas que se encontram. Ambas estendem a mão: uma porque pede ajuda, a outra porque pensa em oferecer ajuda. Na verdade, é difícil compreender qual dos dois é o verdadeiro pobre. Melhor, ambos são pobres. Quem estende a mão para entrar está a pedir partilha; quem estende a mão para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma delas oferece algo. São dois braços que exprimem solidariedade e que se provocam reciprocamente, convidando a não ficar no limiar da porta, mas a ir ao encontro um do outro. O pobre pode entrar em casa quando quem está dentro compreende que a ajuda é partilha. Neste contexto, tornam-se ainda mais expressivas as palavras que o *Papa Francisco* escreveu na Mensagem para o *I Dia Mundial dos Pobres*: «Benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-

los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem “se” nem “mas”, nem “talvez”: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus».

*Um agradecimento especial pela colaboração à realização deste subsídio a:*

*Mons. Antonio Pitta (Pontifícia Universidade Lateranense),*

*P. Dominik Markl SJ (Pontifício Instituto Bíblico),*

*D. Eleuterio Ruiz (Pontifícia Universidade Católica Argentina),*

*Prof. Stefano Toschi (ISSR Bologna),*

*Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral,*

*Irmãs Franciscanas da Divina Providência – Missão de Timor Leste – Comunidades Oe-cusse e Díli.*